

a voz do Trabalhador



ORGÃO DA UNIÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES ANGOLANOS Preço 2\$50

MARÇO DE 1976 — N.º 9

A LUTA DOS TRABALHADORES CENTRAIS

**ACTIVIDADES
DA UNTA**

PÁG. 9

Editorial

Camaradas,

Aos milhões de operários e camponeses põe-se a questão de saber como derrubar o capitalismo. A primeira coisa que é necessário fazer, pela qual é necessário começar é: realizar a unidade entre os trabalhadores, a unidade de acção dos operários à escala Nacional. Eis a arma forte que torna a classe operária capaz não somente de se defender com sucesso, mas também passar com sucesso à contra-ofensiva, contra a burguesia, contra o inimigo de classe, é tudo isto que torna hoje, a necessidade do reforço duma unidade.

Nas diversas esferas das suas actividades de exploradores, os capitalistas sentiram os braços completamente livres na indústria e no comércio, os bancos e as sociedades por acções. Eles trabalham fervorosamente a fim de deixar cair todos os obstáculos legais ou quaisquer outros que eles possam encontrar no seu caminho. Tudo isto só pode acontecer, desde que os trabalhadores estejam desunidos e desorganizados. Mas é no seguimento dos acontecimentos importantes que os trabalhadores poderão tomar consciência disso. Por exemplo a mudança política do 25 de Abril de 1974, qualquer que seja o modo como ela seja encarada, desencadeou indiscutivelmente e duma maneira flagrante, esta ofensiva nefasta aos capitalistas.

(Conclui na 2.ª pág.)

**MENSAGEM
DA UNTA
À OMA**

PÁG. 4

FORMAÇÃO IDEOLÓGICA

**- Pela
Independência
e o Progresso
Social**

PÁG. 5

TENTATIVA

CANAS DE AÇUCAR QUEIMADAS PELOS TRABALHADORES...

Na Companhia açucareira de Angola na Tentativa — Caxito, as canas que nos dão o açúcar para a alimentação das crianças de Angola, das mulheres, velhos e homens, para a alimentação do Povo, apareceram queimadas.

A destruição das canas deve-se ao facto de os responsáveis da Direcção estarem a admitir pessoal, pelas próprias necessidades do trabalho.

Camaradas há que não aceitaram bem a entrada de novos trabalhadores e mostraram o seu descontentamento, queimando as canas de açúcar.

Além deste incidente, outros camaradas há que se negam a fazer trabalhos de limpeza e de enxada, dizendo que isso não é trabalho para eles e que devem imediatamente começar a fazer trabalho de escritório, de capatazes

Face esta situação nós não vamos condenar pura e de armazém. Também negam-se a trepar nas palmeiras, simplesmente esses trabalhadores, seríamos incorrectos.

Nós queremos e dizemos aos camaradas trabalhadores que ao destruírem as riquezas do nosso País, ao destruírem o trabalho que é fruto dos trabalhadores da Ten-

tativa, produto do seu cansaço, estão a tornar mais difíceis as suas condições de emprego, de substância e resistência na produção. Estão a fazer o jogo da recção, o jogo dos nossos inimigos que pretendem o fracasso dos trabalhadores Angolanos, para que estes possam cada vez menos resistir.

Devemos todos compreender que derrubado e colonialismo e o Governo de Transição composto de elementos diferentes com interesses também diferentes, não deixaram condições para que os trabalhadores Angolanos possam imediatamente sozinhos, assumir a condução dos interesses do País.

Esses inimigos do Povo deixaram sim, o nosso Povo sem grandes possibilidades de ter uma cultura mais desenvolvida. Infelizmente na sua maioria sem ter ido às escolas, para poder ter mais conhecimentos.

Tudo isso fazia parte dos interesses do regime colonialista — explorar o nosso Povo, as riquezas do nosso País e impedir que o Povo pudesse ir às escolas e ter acesso à cultura, para dificilmente conquistar a sua Independência.

(Conclui na pág. 10)

Editorial

(Conclusão da 1.ª pág.)

É a partir desta data que o trabalhador angolano começou a respirar um ar novo.

Efectivamente, a união dos trabalhadores representa em si, um trabalho e uma luta em comum, para fins e reivindicações concretas e determinadas. A Revolução não pode avançar sem que os trabalhadores estejam unidos e organizados, pois há um ditado que diz: «A União faz a Força». Os trabalhadores devem estar unidos para defenderem com justa causa os seus direitos e interesses vitais idênticos, contra a burguesia e seus aliados reaccionários.

Na luta que nós travamos aqui em Angola, o trabalhador é o primeiro interessado, em que a unidade dos operários e camponeses está consagrada também na luta pela Independência Nacional, pela Paz, pela Democracia e pelo Socialismo. A unidade entre os trabalhadores facilita a capacidade de réplica das massas às arbitrariedades da burguesia e aumenta o peso político dos operários e camponeses.

Na etapa actual, o estabelecimento da unidade no seio dos trabalhadores pode explicar-se sob vários pontos de vista:

— Unidade para lutar em comum contra o perigo eminente da guerra imperialista, lutar de modo a entrar a preparação, à medida que a unidade da classe operária-camponesa se reforça, e o Movimento se desenvolve.

Os trabalhadores são os combatentes mais conseqüentes pelas transformações sociais, por outro lado, os operários e camponeses associam sempre mais a luta pelas aquisições e transformações sociais à luta contra as forças reaccionárias.

A unidade dos trabalhadores é um estabelecimento e uma consolidação entre o Movimento Revolucionário — isto permite aos trabalhadores conhecer de modo directo, a experiência e a prática da edificação socialista e utilizá-los de uma maneira criadora — a luta dos trabalhadores marcha sobre o caminho da Vitória; há ainda muitas dificuldades, mas a consolidação da unidade dos trabalhadores é uma garantia da Vitória.

A unidade dos trabalhadores é de uma grande importância para o seu crescimento ideológico, para o triunfo dos Operários e Camponeses.

UNIDADE E ORGANIZAÇÃO !

ESTUDAR É UM DEVER REVOLUCIONÁRIO !

PRODUZIR É RESISTIR !

A INFORMAÇÃO AO SERVIÇO DOS TRABALHADORES !

A LUTA CONTINUA !

INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

Vivemos em quase todos os pontos do nosso País, dias bem difíceis em que sentimos a guerra mesmo na carne. Sentimos pois a luta que sob a forma de agressão violenta, os lacaios internos do imperialismo, ajudados pelo exército fascista da África do Sul e demais mercenários a soldo do imperialismo, levaram a cabo contra o nosso País.

E nós sabemos muito bem porquê que se lutou. Não foi por o Camarada Presidente não gostar do Savimbi, ou porque o Holden não simpatizava com o camarada Presidente Neto. Foi sim e é, uma luta entre forças que querem uma evolução totalmente diferente para o futuro de Angola.

— Por um lado, aqueles que se batiam para substituírem o colono e tornarem-se eles mesmos os patrões, continuando a repartir com o imperialismo a riqueza que o Povo Angolano produz.

— Por outro lado, e em volta do M.P.L.A. juntaram-se as forças patrióticas, que aceitaram os verdadeiros objectivos de independência por que o M.P.L.A. luta, não só política como económica, por uma organização democrática de todo o Povo — o Poder Popular — pelo progresso social e o bem estar para todo o Povo.

Mas para além do conhecimento que nós tivemos de existência destas duas forças dentro do País, e da razão por que eram irreconciliáveis na sua luta, percebemos também que não estávamos isolados. Vimos, pelo contrário, que a nossa luta era um aspecto duma luta mais geral, duma luta gigantesca que se trava em todo o mundo, entre as forças do progresso e as forças da reacção; entre os forças que tentam construir uma sociedade mais justa e aqueles que querem conservar as relações de exploração em que assenta a produção na sociedade capitalista.

Com a conquista do poder pela classe operária russa em 1917, e mais tarde com o triunfo doutras revoluções socialistas (na Bulgária, Rep. Democrática Alemã, Hungria, Cuba, etc.), constituiu-se o campo socialista.

Os interesses de classe do proletariado dos Países capitalistas, indenticaram-se então com os interesses do sistema socialista, que com a URSS à frente, se tornou o factor determinante da evolução mundial e a principal força revolucionária da época contemporânea.

Por sua vez, o Movimento de Libertação engrossou as fileiras daqueles que lutam por um sistema mais justo e formou com as duas forças anteriores, os Países socialistas e as forças progressistas dos países capitalistas, uma frente de luta contra o imperialismo.

O Internacionalismo Proletário caracteriza-se por três princípios.

— a unidade e solidariedade da classe operária de todos os Países

— o reconhecimento do direito das Nações à autodeterminação e independência

— a primazia dos interesses gerais e internacionais da revolução sobre os interesses particulares imediatos.

Tendo sido abordado no número anterior: porque existe a unidade e solidariedade da classe operária de to-

dos os Países, abordemos neste, o problema do reconhecimento do direito das nações à autodeterminação e à independência.

Para os internacionalistas não se trata de reconhecer de boca o direito à independência de todas as nações, mas de ajudar efectivamente a luta que os povos travam para a alcançar.

É dentro desse aspecto que nós temos de compreender quem são os nossos amigos, quem tem de facto uma política internacionalista e quem o diz teoricamente, mas na prática não o cumpre.

Também não podemos esquecer como exemplo de internacionalismo proletário, a luta da classe operária portuguesa, cujo regime opressor existia, mas que con-

(Continua na 10.ª pág.)

TRABALHADORES PORTUGUESES DESMASCARAM

Os trabalhadores da empresa FACAR, empresa metalúrgica em Portugal estão atentos às manobras perpetradas pelos seus patrões.

A sua luta teve início em Abril de 75, quando a banca exigiu aos gerentes um aval para aceites bancários. Nesta data, a empresa devia à banca cerca de 100 mil contos. Devido aos entraves da banca às suas manobras os gerentes começam a comprar terrenos, casas e outras coisas gastando o dinheiro em seu próprio proveito, conseguindo assim, desviar 59 800 contos a juntar aos 36 mil que já deviam à empresa.

Mas os trabalhadores estavam vigilantes e logo aperceberam-se das manobras tratando de dar a conhecer ao governo. Dos contactos realizados com os ministérios do trabalho e indústrias, fez-se uma peritagem à empresa tendo-se constado que nos últimos dez anos a empresa conseguiu 127 mil contos de lucros tendo os gerentes gasto 148 mil em seu próprio proveito e que a escrita continha inúmeras irregularidades denunciando retiradas que vieram mais tarde a confirmar-se.

Depois de conhecidos os resultados, os trabalhadores, decidem em plenário realizado em 21 de Maio de 75 afastar os gerentes, da gestão da empresa.

Assim o Estado intervem na empresa, e nomeia uma comissão administrativa. Depois desta ter tomado posse, foi marcado um plenário para discussão do esquema de trabalho a seguir, mas, este não se chega a realizar, por os trabalhadores terem entrado de férias. O plenário é adiado devido também à morte do filho de um dos gerentes.

Antes do plenário surgiram panfletos anónimos con-

(Conclui na 4.ª pág.)

MENSAGEM DA UNTA A OMA

À
MULHER ANGOLANA

2 de Março de 1976.

O tempo corre e cada Povo encarrega-se de desenvolver o esforço principal para escrever a sua própria História.

O Povo Angolano na luta diária pela expulsão dos inimigos e pelo sepultar das ideias herdadas no sistema colonial de despersonalização humana, conta nas suas fileiras, em todas as frentes, com a participação da mulher.

Neste dia significativo para o Povo Angolano em luta pela edificação de uma sociedade justa, na criação de um Homem Novo, a UNIÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES ANGOLANOS — UNTA, saúda militantemente os trabalhadores em geral e as trabalhadoras em particular, pelos sucessos que colectivamente somam para o alcance da Vitória Final, que se traduz na condução dos Trabalhadores ao Poder; e exorta a que reforcem a sua organização e unidade em torno da Vanguarda Política, o MPLA, e da Organização Sindical, a UNTA, para que num esforço conjunto e no mesmo ideário, prossigamos o programa da Reconstrução Nacional, que é de vontade Popular.

E porque o dia 2 de Março, é o da Mulher Angolana, a UNTA dirige às Mães deste País, toda a estima e respeito, pois lançaram as sementes para que o fruto da Revolução Angolana se desenvolvesse.

Desde que o Povo pegou em armas, a Mulher Angolana disse presente à Revolução: e desde então começou a sua batalha, que deve ser cada vez mais organizada, na base da prática da unidade, para um progresso sólido, coeso e frutífero.

Por ser parte integrante da nossa sociedade e por contribuir activamente no processo produtivo, a UNTA exorta às camaradas trabalhadoras operárias e camponesas que, organizadas nos seus locais de trabalho, continuem lutando pela garantia dos seus direitos, pois a condução dos trabalhadores ao Poder, que esta Organização defende, passa pela emancipação da mulher.

Unidos pelos objectivos comuns de luta pela melhoria das condições sócio-económicas e culturais dos trabalhadores do nosso País, de Cabinda ao Cunene, na luta contra todas as manobras do imperialismo, os Operários e Camponeses e camadas patrióticas do País, em torno do MPLA, a Vanguarda Revolucionária e da UNTA — a Organização Sindical, cerremos os punhos, pelo fim da exploração e pelo triunfo da nossa Revolução.

A UNIÃO NACIONAL DOS TRABALHADORES ANGOLANOS — UNTA, dirige as mais firmes Saudações Revolucionárias, reafirmando que não trairá aos princípios da luta, pela emancipação da Mulher, no quadro da luta geral pela emancipação do trabalho, no nosso País e no Mundo.

PELA EMANCIPAÇÃO DA MULHER NA CONDUÇÃO DOS TRABALHADORES AO PODER!
ESTUDAR É UM DEVER REVOLUCIONÁRIO!
PRODUZIR É RESISTIR!
A LUTA CONTINUA!

Luanda, 2 de Março de 1976.

Pelo Secretariado-Geral,
ARISTIDES VAN-DUNEM
(Secretário-Geral)

TRABALHADORES PORTUGUESES DESMASCARADOS

(Conclusão da pág. 3)

vocando a população para o plenário da FACAR. As cerimónias fúnebres foram aproveitadas pelo pároco para tecer elogios aos gerentes da empresa e culpar os trabalhadores a miséria em que caía a empresa, tendo lembrado o dinheiro fornecido pelos patrões à obras de caridade. Chegado o dia do plenário este realiza-se sobre forte pressão tendo aparecido centenas de pessoas estranhas ao serviço. Um grupo de pessoas comandadas pelo padre, provocam grandes incidentes tendo aos membros da comissão administrativa gritando slogans «Fora com C. A.» e «queremos os patrões». Passados alguns momentos chegam os gerentes ao local fazendo um discurso. Os gerentes conseguem voltar à empresa só após oito dias, pois a manobra foi denunciada e o governo interveio firmemente afastando os patrões.

Durante os oito dias que permaneceram na empresa passaram cheques falsos elegeu-se uma C. T. mas que servisse os seus interesses. A partir desta eleição nota-se

na empresa um clima de intimidação e repressão sobre os trabalhadores, ameaçando despedimentos, tentativas de agressão e a C. A. sente cada vez mais dificuldades no desempenho das suas funções. Mas mesmo sendo pressionada, caluniada a C. A. consegue num curto prazo de tempo pagar cerca de 110 contos, dinheiro esse que eram dívidas da empresa à banca.

Mas os caciques da empresa com maior destaque para o C. T. não pararam as suas manobras. E foram criadas as condições para o regresso dos patrões, tendo-se deslocado a Lisboa a comissão de trabalhadores onde contactaram com membros do Governo, tendo terminado em 21 de Fevereiro a intervenção do Estado na empresa.

Agora os trabalhadores mais conscientes empregam novas formas de luta fazendo exigências para o regresso dos patrões. Mas os patrões não aceitam estas exigências.

Então os trabalhadores pensam que o Governo e o Ministério do Trabalho terão de tomar uma posição face ao caso da empresa.

Formação Ideológica

PELA INDEPENDÊNCIA E O PROGRESSO SOCIAL

O conhecimento dos documentos adoptados pelos congressos e as sessões plenárias dos «comités» centrais dos partidos comunistas e operários dos Países da Ásia e da África é muito importante, para compreender as particularidades da Revolução Anti-Imperialista e as condições específicas, nas quais se desenrola a luta social e política no seio dos jovens Estados Nacionais.

Nos trabalhos e intervenções dos dirigentes destes partidos, encontramos uma análise profunda da situação interior, uma generalização científica dos factos e dos fenómenos novos, o exame dos grandes problemas teóricos e políticos.

Está sublinhado nestas obras que a mudança fundamental da relação de forças no Mundo e a formação do sistema socialista mundial diante dos estados libertados novas perspectivas do progresso histórico: uma via de desenvolvimento não-capitalista, aquela de transformações políticas, económicas, sociais e culturais consequentes, cujo objectivo final, é o socialismo.

A questão de saber quais as forças motrizes da Revolução de Libertação Nacional, estão estreitamente ligadas à definição do seu desenvolvimento ulterior, futuro. Na sua etapa actual, produziram-se mudanças consideráveis, na repartição das forças sociais dos jovens Estados Nacionais. Uma análise profunda e tomando em consideração estas mudanças, sublinham os documentos dos Partidos Comunistas e Operários dos Países da Ásia e da África, são a condição mais importante para dirigir correctamente as massas populares. A agudização das contradições de classes num movimento social cada vez mais vasto, em favor do desenvolvimento não-capitalista, constituem a base sobre a qual é possível formar uma frente única das forças progressistas: a classe operária, o campesinato, as camadas revolucionárias da pequena burguesia e da média burguesia. A criação duma tal frente é indicada como uma das tarefas essenciais da etapa actual da revolução de libertação Nacional.

Nestes últimos tempos, vemos aparecer em quantidade sempre crescente «teorias» e «conceitos» cujo fim político é o de isolar o Movimento de Libertação Nacional das outras forças revolucionárias da época contemporânea; por conseguinte, dá-se uma importância particular à definição do lugar e do papel objectivo deste movimento no processo revolucionário mundial. Os dirigentes dos Partidos Comunistas dos Países do Oriente sublinham constantemente, que mais profundo é o carácter social da Revolução de Libertação Nacional e mais estreitamente ela está

ligada ao Movimento Revolucionário e Socialista Internacional.

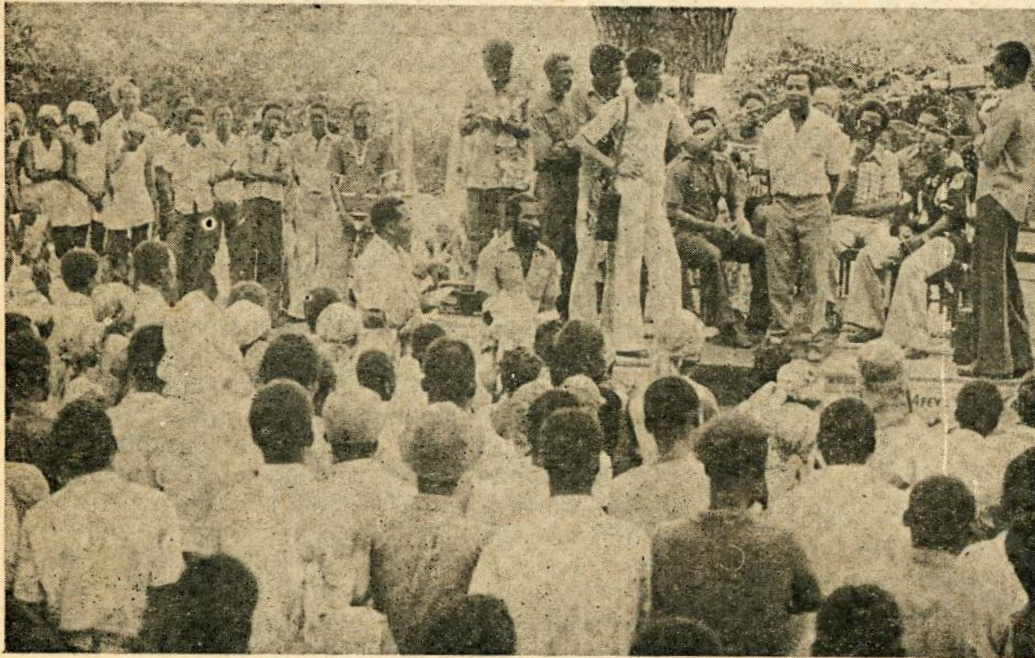
A Libertação Nacional é doravante um facto para a grande maioria dos habitantes do velho Mundo colonial. A ordem do dia é a luta pela Independência económica dos jovens Estados Nacionais. Cada vez mais os meios de opinião pública destes Estados compreendem que com o regime capitalista é impossível vencer o atraso, que para isso são precisas transformações económicas e sociais profundas, fundamentais. Os representantes e dirigentes dos regimes e dos movimentos progressistas sublinham particularmente esta tese. K. Nkrumah anotou na sua obra que a luta contra o imperialismo, o colonialismo e o neocolonialismo é sempre necessária em África e que uma transformação profunda das sociedades dependentes, torna-se cada vez mais urgente. Ele tinha em vista a transformação socialista, pois ele contestava a via de desenvolvimento capitalista. Por conseguinte, são o proletariado e o campesinato que se tornam as forças motrizes da Revolução.

Nas obras de A. Cabral são descritas as dificuldades com as quais o processo revolucionário se choca nos países da África Tropical: a ausência, nas massas camponesas, do interesse directo e consciente no que respeita à supressão da dominação dos monopólios, o fraco desenvolvimento do proletariado, a preponderância da pequena burguesia, na direcção política. A luta contra a dominação do capital estrangeiro e pela independência económica, escreve Cabral, põe o dilema: qual será a evolução da pequena burguesia? Transformar-se-á ela em classe trabalhadora revolucionária ou então em burguesia?

Os problemas ligados ao desenvolvimento não-capitalista são examinados num livro dum autor indiano, R. D. Gupta. A sua opinião, se bem que a Índia siga a via capitalista, o capitalismo não está ainda consolidado no País. Ele propõe, como alternativa ao capitalismo, a aplicação de uma série de medidas indo depois ao controlo pelo Estado do comércio do trigo até à supressão dos monopólios, que pode realizar unicamente uma larga coligação de forças antifeudais, anti-imperialistas, nacionais e progressistas e democráticas, na base da qual se deve encontrar, uma aliança da classe operária e camponesa.

É evidente que em vias do progresso social, económico e político, constituem a questão essencial para os jovens Estados soberanos. Depois da ascensão à Independência, este problema passou do domínio teórico, à introdução desta política. É em torno disso que se afirma, no essencial, as posições das forças sociais de classe, os partidos e grupos políticos que exprimem os seus interesses. Os destinos históricos dos países que se libertaram da opressão colonial são objecto de batalhas ideológicas duras no sistema mundial.

A LUTA DOS TI



O camarada Leão, trabalhador da «Tentativa», quando usava da palavra

É PRECISO ORGA DA PRODUÇA

A cultura de algodão constit
encontrando-se com abundância nas re
Este ano o algodão da região
em virtude daquela área ter estado oc
da colheita.

Por isso, camaradas, teremo
aquele dinheiro perdido. Mas, para iss
res, estejam organizados, porque a fr
ganização.

Mas, a produção não depend
um elevado equipamento técnico (car
quinas agrícolas) e pessoas qualificad

E como formar esse pessoal
Esses especialistas, formam-s
toristas, tractoristas, etc. tendo os alu
balho gratuitos e com um subsídio.

Os alunos terão aulas prática
curso e terão aulas de formação polít
de ter. Fndos os estudos, receberão
as zonas onde possam pôr em prática
transmiti-los aos outros camaradas.

ASSEMBLEIA DOS TRABALHAD

Teve lugar na Fábrica Vitória, uma Assembleia dos trabalhadores da Sofanco e dos Refrigerantes Vitória, na qual foram analisados problemas diversos.

Um dos problemas da ordem do dia foi a questão do oportunismo da parte de um camarada trabalhador que, procurando deitar poeira nos olhos dos restantes trabalhadores, faz o jogo da administração, obtendo assim privilégios e contribui para o enfraquecimento da luta dos trabalhadores, que deve ser conjunta; pois da unidade dos trabalhadores na luta, resulta o seu avanço seguro para a edificação de uma sociedade justa.

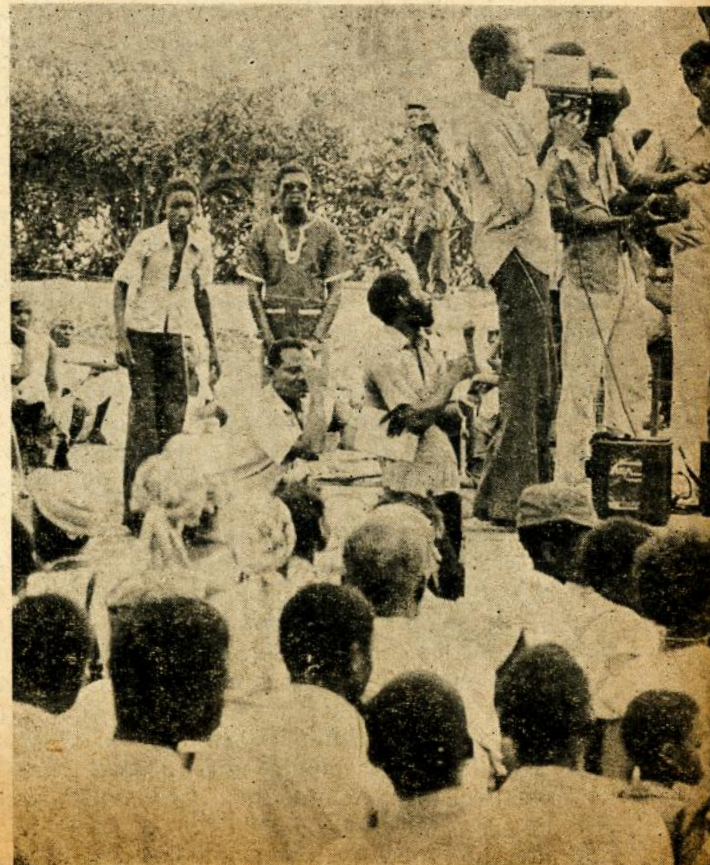
Aberta a sessão pelo cda. Diogo da Acção Sindical da UNTA, tendo afirmado... devemos combater as posições e privilégios de classe. Não há luta sem organização e unidade no seio dos trabalhadores... passou-se ao relato dos factos, à sua análise e conclusões.

Vejamos a questão que preocupa os trabalhadores citados: existe entre os demais trabalhadores, um camarada que de Julho a Novembro/75, foi promovido várias vezes, ultrapassando injustamente os escalões dos vencimentos atribuídos de uma maneira geral. Esse camarada foi sendo aumentado até chegar de uma maneira brusca aos 18.400\$00.

Entretanto esse cda. e a Administração, conscientes da gravidade do erro, elaboram ordens de serviço, procurando justificar, pois então iria desempenhar funções de chefia nas duas empresas (Vitória e Sofanco) e que então os seus vencimentos seriam suportados em partes iguais pelas duas empresas o que não aconteceu.

Mas a vigilância revolucionária da Comissão Sindical detectou que este cda. recebia além de horas extraordinárias, pelas duas empresas, o vencimento por inteiro numa parte na outra, o que não se compreende nem há justificação para tal.

Feita a análise cuidada da situação os camaradas trabalhadores puderam concluir que o cda. em causa, com as promoções sucessivas em tão curto espaço de tempo, esforçava-se por agradar a administração, esperando desta a retribuição, atropelando muitas das vezes os interesses legítimos dos demais ca



O camarada Secretário de Estado da Indústria e Energia,

TRABALHADORES

ORGANIZAR O TRABALHO DO ALGODÃO

Uma das principais riquezas do nosso País, as regiões do Cuanza-Norte, Cuanza-Sul e Malanje, do Cuanza-Sul quase não foi aproveitada, sendo tomado pelos inimigos do nosso povo na altura

de trabalhar bastante, para recuperar todo o terreno, é necessário que os camaradas trabalhadores de produção dependa dessa mesma or-

ganização. É necessário, que haja máquinas, máquinas para a colheita e outras máquinas.

Qualificado? Arranjando escolas onde se prepararão muitos residentes, alimentação e roupa de tra-

balhadores profissionais, estudarão as disciplinas do trabalho, são alunos que todos nós precisamos para obter um certificado de especialidade e irão para trabalhar com os conhecimentos adquiridos e igualmente



O camarada José Maria, comissário político da «Tentativa», quando focava aos trabalhadores a necessidade da produção

PROBLEMAS DA SOFANCO E VITÓRIA

Com os camaradas trabalhadores por um lado. Por outro lado, a administração ao fazer estas promoções e concedendo-lhe privilégios pretendia criar na pessoa desse trabalhador, condições para que o mesmo correspondesse aos interesses divisionistas.

Para além deste aspecto de oportunismo e tentativa divi-

isionista dos interesses dos trabalhadores, foram focados os problemas de indisciplina, pois camaradas há quem não ligam importância às justas advertências dos cdas. da C.S.E. Os camaradas trabalhadores, alguns são cazukuteiros, querem conduzir os carros à balda, sem autorização e muito menos sem possuírem carta de condução: outros abandonam os seus locais de trabalho dizendo que agora quem manda é o Povo. Por outro lado, a Comissão segundo opinião de um trabalhador, cria situações de privilégios na utilização dos produtos. Trabalhadores há também, que pelo facto de serem técnicos se permitem ameaçar os restantes trabalhadores, a pretexto de se irem embora...

É necessário que os trabalhadores estejam unidos na sua luta e não criem situações oportunistas, nem divisionistas, pois o nosso País será amanhã, aquilo que os trabalhadores de Cabinda ao Cunene desejem que venha a ser. E depois de uma luta séria para o derrube do colonialismo, para a expulsão dos lacaios do imperialismo que ainda estão dando trabalho, temos todos de trabalhar na Reconstrução da nossa Pátria, para que o neocolonialismo que nós recusamos sempre, não tenha lugar em Angola.

Não devemos ser nós os trabalhadores Angolanos quer operários, quer camponeses, que vamos criar condições para que a nossa luta enfraqueça. Unidos e organizados nós vamos continuar a lutar para que existam condições sólidas para que os Operários e Camponeses assumam o Poder, para que Angola seja um País próspero, para o bem de todo o Povo.

ABAIXO O DIVISIONISMO !

ESTUDAR É UM DEVER REVOLUCIONÁRIO

VIVA A UNIDADE DOS TRABALHADORES !

PRODUZIR É RESISTIR !

A LUTA CONTINUA !



Falando aos trabalhadores da Fazenda «Tentativa»

Trabalhadores Angolanos

Representados no 20.º Aniversário da U. G. T. A.

Por ocasião da celebração do 20.º aniversário da U.G.T.A. (UNION GENERALE DES TRAVAILLEURS ARGELIENS), a convite daquela Organização, deslocou-se à Argélia o camarada Secretário-Geral Adjunto da União Nacional dos Trabalhadores Angolanos — UNTA, em representação dos Trabalhadores Angolanos.

A propósito da comemoração do 20.º aniversário da União Geral dos Trabalhadores Argelinos, o cda. Braz da Silva dá-nos uma perspectiva do que foi essa data e os objectivos que com essa comemoração a U.G.T.A. alcançou.

B. da Silva — As comemorações do 20.º aniversário da U.G.T.A. (União Geral dos Trabalhadores Argelinos) constituíram a consagração das conquistas obtidas pelo Povo Argelino na sua via socializante, digamos que em certos aspectos bastante avançada.

A U.G.T.A., aproveitou e muito bem essas comemorações não só para frizar muito orgulhosamente que tais conquistas foram essencialmente obtidas pelos Operários e Camponeses, como também para mobilizar as grandes massas para os aspectos que considerou prioritários para a vida socializante escolhida pela Nação.

a) Reforçar as conquistas obtidas através da elevação do grau de politização e formação ideológica das massas trabalhadoras;

b) Desenvolver a vigilância contra os métodos de sabotagem do imperialismo que também lá (como cá já se faz sentir) se infiltra nas estruturas económicas, políticas e culturais do País para as perverter e conseqüentemente as desintegrar tentando fazer fracassar a revolução em marcha;

c) Incrementar ainda mais a batalha da produção, através da dinamização dos activistas (a que eles chamam de animateurs) da U.G.T.A., a todos os níveis;

d) Reafirmar a opção internacionalista dos Trabalhadores Argelinos inspirados pelo seu prestigiado guia e Presidente BOUMEDIENE.

O que pude verificar em várias fábricas que visitei, onde encontrei sempre e em lugar de destaque as Bandeiras do MPLA e da Frente Polisário, além de numerosas e significativas fotografias da nossa luta no Maquis. Registei ainda com muita satisfação que numa fábrica de objectos de peles (carteiras, sacos, malas, casacos, etc.), estava afixado um painel com todas as datas nacionais de Angola e seus significados; desde o 4 de Fevereiro, até ao 1.º de Dezembro. São experiências que nos servem e desenvolveremos, no espírito do internacionalismo proletário, que nós também praticamos.

V.T. — O que pode efectivamente verificar, quanto ao enquadramento dos trabalhadores pela U.G.T.A.?

B. da Silva — Na Argélia, o órgão base de Organização Sindical corresponde ao nosso «Comité» Sindical é a Assembleia de Trabalhadores que, nas grandes usinas (empresas) ou unidades, chega a ter

17 membros. Desta Assembleia saem as comissões de sector para os cinco ramos: Economia e Finanças, Formação Social e Cultural Higiene e Segurança Social (Prevenção) e Disciplina, as quais têm função de gestão.

As Assembleias de Trabalhadores são eleitas democraticamente pelos trabalhadores da empresa ou da unidade, face uma lista proposta com o dobro de elementos necessários. As candidaturas são reunidas por uma comissão «ad hoc» constituída por representantes do Partido, da UGTA e do Ministério de Tutela.

Por sua vez, as Assembleias de Trabalhadores estão ligadas às Uniões (Organizações horizontais) que se ligam por seu turno à UGTA (Central Sindical). De notar que a UGTA integra dois tipos de estrutura sindical — um horizontal, através das uniões com funções de gestão sobre as empresas (problemas orgânicos, política ideológica, formação, educação, informação) e outro vertical — as Federações, que têm funções sociais e cooperativas (saúde e higiene, bairros residenciais, condições de trabalho, etc.).

O cda. Braz da Silva acrescenta ainda: falamos dos trabalhadores das empresas, abordemos agora as estruturas sindicais dos camponeses:

Os camponeses estão enquadrados em aldeias comunais, situadas em locais centrais das zonas de trabalho.

As aldeias comunais são constituídas por conjuntos de 50 a 500 fogos (residências), segundo a importância do aglomerado. Nestas aldeias, o órgão administrativo e de gestão é a Assembleia Popular Comunal, constituída por um mínimo de cinco elementos e máximo de trinta (nos casos de grandes aglomerados populacionais). Os elementos eleitos designarão o Presidente da aldeia comunal que se torna o chefe religioso. Não esqueçamos que os árabes são da religião muçulmana e mantêm-se muito ligados à tradição religiosa, que é muito anterior à era colonial.

V.T. — Acha que historicamente a UGTA está a cumprir a sua missão de organização dos trabalhadores, pois deve ser uma função, a defesa dos interesses dos trabalhadores em geral?

B. da Silva — Sim. Pelo que me foi dado observar, sem que contudo tenha tido tempo de aprofundar em pormenor; no geral a UGTA está a cumprir com as responsabilidades revolucionárias para com os trabalhadores, pois já conseguiu grandes vitórias para a causa do Proletariado Argelino. Pode-se dizer que tem fundamento a afirmação da UGTA que «Em Argélia quem constrói o socialismo, são os trabalhadores ao mesmo tempo os obreiros e os beneficiários da Revolução». Efectivamente todas as grandes empresas do País já estão nacionalizadas, onde a Assembleia de Trabalhadores dispõe de todos os poderes de controle sobre a gestão da empresa ou da

(Conclui na pág. 11)

ACTIVIDADES DA UNTA

LUANDA

Camarada Secretário Geral fala da sua viagem de trabalho

Regressado após alguns dias em missão por alguns Países, o Camarada Aristides Van-Dúnem, Secretário-Geral da nossa Organização Sindical — a UNTA deu-nos uma visão do seu trabalho no exterior, onde esteve com o cda. Noé Saúde — Secretário para os Assuntos Sócio-Económicos, que passamos a dar ao conhecimento dos camaradas trabalhadores:

V. T. — Cda. Aristides Van-Dúnem, quais os objectivos da sua viagem ao exterior do País?

Aristides Van-Dúnem. — Foi uma viagem de carácter político-sindical que visava contactar Organizações políticas progressistas, organizações filantrópicas, organizações sindicais e estudantis, com vista a um esclarecimento sobre o que realmente se passava em Angola.

Uma vez que a realidade Angolana vinha sendo deturpada pela imprensa reaccionária de vários Países Europeus, esta viagem teve um carácter especial, na medida em que nos Países visitados, as organizações progressistas sempre apoiaram a luta do Povo Angolano.

Dado que tais países nunca tinham ajudado Portugal a combater o Povo Angolano, estranhávamos o seu silêncio em não reconhecer a República Popular de Angola. Daí o contactarmos as organizações progressistas com vista ao reconhecimento da R. P. A.

Foi o objectivo da nossa visita. Não se deve só a esta visita, mas a um trabalho conjunto de todos os organismos da nossa Vanguarda Revolucionária, o MPLA.

V. T. — Quais os Países visitados?

Cda. Aristides Van-Dunem. — Holanda, Dinamarca, Suécia, Finlândia e Bélgica.

V. T. — Como sabe a luta dos Trabalhadores Angolanos tem sido ameaçada pela sabotagem imperialista, contudo trabalhadores de muitos Países tem-nos manifestado a sua solidariedade. Pode-nos dizer algo? E de que maneiras concretas, essa solidariedade foi manifestada?

Cda. Aristides. — Sim. Nestes Países verificamos uma grande manifestação das organizações sindicais, no sentido de forçarem os seus governos a apoiarem o Povo Angolano, trabalhador, reconhecendo a R. P. A.

Essas organizações sindicais além de terem feito essa pressão junto dos seus governos, realizaram inúmeras campanhas de recolha de dinheiro e medicamentos para o nosso Povo.

Essas campanhas tiveram um grande destaque e desempenharam um grande papel. A C. M. T. (Confederação Mundial do Trabalho) e a SAK estão na origem destas campanhas.

No que respeita à solidariedade, Sim. As organizações sindicais além de manifestarem todo o seu apoio à luta dos trabalhadores Angolanos, aceitaram os nossos princípios de não afiliação nas

Centrais Sindicais Mundiais. Aceitaram sim, relações bilaterais e uma constante troca de informações e de experiências.

V. T. — Defendendo o princípio de não afiliação, mas de relações bilaterais, pode dizer-nos como foi vista ou não, a condução autónoma da nossa Organização de Trabalhadores, a UNTA, apesar das ajudas que são concedidas?

Cda. Aristides. — Sim, Sim. Apresentados factos concretos. Nomeadamente a influência de determinados Governos que tentaram imprimir uma certa orientação às organizações sindicais, da qual nós já fomos vítimas inúmeras vezes e porque essas organizações sindicais se têm visto a braços com os mesmos problemas. Não houve qualquer dificuldade em fazer valer o nosso princípio, face às organizações sindicais mundiais. Exemplo concreto, posso nomear o caso da SOSV, filiada da CISL, não obstante essa organização ter proibido qualquer tipo de ajuda à UNTA, atendeu ajudar-nos e apoiar a nossa luta.

V. T. — Nós lutamos com grandes problemas para nos organizarmos e estruturarmos a nossa Organização dos Trabalhadores. Como se encontram as outras organizações sindicais em relação à nossa? Cda. Aristides — Nós podemos dizer que o Sindicalismo em Angola começa após o 25ABR74. Antes dessa data não havia qualquer liberdade sindical. Organizavamo-nos na clandestinidade, com um tipo de trabalho muito limitado, concentrado sobretudo, nos sectores que interessavam à luta para a nossa Independência.

Com a tomada dos sindicatos que até aí, serviram apenas os portugueses e uma minoria de Angolanos, nós deparamo-nos com grandes dificuldades, nomeadamente de quadros, dado que tornamos desde logo obrigatória, a sindicalização de todo o trabalhador angolano.

As organizações sindicais europeias como tal, existem há mais de cem anos, daí, o estarem mais estruturados que nós, embora com programas diferentes dos nossos.

V. T. — Constatado o avanço das outras organizações, embora com programas diferentes e existentes há muitos mais anos que nós, a UNTA, pode dizer-nos o que tem feito a organização sindical dos trabalhadores para melhorar a Organização e a defesa dos interesses dos mesmos Trabalhadores Angolanos?

O camarada Secretário-Geral, Aristides Van-Dúnem, refere daç preocupações da UNTA afirmando: — «a grande preocupação da nossa Organização, não obstante as grandes dificuldades com que nos temos deparados, tem sido a da formação de quadros, com vista às nossas organizações sindicais de base defenderem e cumprirem os nossos programas que visam uma real defesa dos interesses das massas trabalhadoras

A nossa grande preocupação tem sido levar as estruturas da UNTA, por todos os pontos do País.

Camaradas trabalhadores ficam estes pontos ao vosso conhecimento e prometemos de uma maneira regular, a passar ao vosso conhecimento as actividades da nossa Organização.

**PRODUZIR É RESISTIR!
ESTUDAR É UM DEVER REVOLUCIONÁRIO!
A LUTA CONTINUA!**

INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO

(Conclusão da página 3)

tudo, os trabalhadores protestavam contra a existência de uma guerra colonial.

Mas o internacionalismo não se põe só de fora para dentro, quer dizer, não é só um dever dos outros para conosco. A nossa atitude não deve ser de esperar que os outros nos venham resolver os nossos problemas, podendo nós fazê-lo e mais procurar as soluções mais justas e mais acertadas para a resolução dos mesmos. Desenvolvendo nós o esforço principal, estamos a construir a nossa independência e a contribuir também para luta mais geral dos Povos.

Se formos os activos dinamizadores de todo o processo de reconstrução nacional, se levarmos a cabo as tarefas que estão ao nosso alcance, só assim estaremos desde já a ter uma atitude correcta perante nós próprios e a nossa Revolução e perante todos os Povos do Mundo, pois estamos a consolidar a Independência e a paz que estamos conseguindo, como a contribuir para a consolidação do campo socialista e a criar condições para que outros povos ainda dominados pelas estruturas opressoras do colonialismo e do imperialismo em geral, se libertem e avancem para a edificação do mundo socialista e para a edificação de uma Sociedade Nova.

Como Fidel Castro disse no seu discurso do 25.º Congresso do PCUS, «hoje existe a Comunidade Socialista. Hoje, sob a influência das mudanças trazidas ao Mundo pela Revolução de Outubro e a derrota do fascismo, mais

de 100 países coloniais e semi-coloniais, em todo o mundo, puderam alcançar a sua independência, em duas lutas contra as forças ainda poderosas do colonialismo e do imperialismo.

Os trabalhadores abriram caminho para o futuro e souberam defendê-lo com o seu heróico esforço e o seu sangue abundante». Adiantou ainda «Factos objectivos demnostram, cada vez mais eloquentemente, que a paz universal, o progresso da humanidade e o socialismo estão indissolúvelmente unidos. O processo de mudanças ocorrido no Mundo não poderá ser parado. Ninguém pode exportar resoluções nem as impor mediante a guerra, mas ninguém pode também impedir o Povo de as realizar.

É porque todos nós temos a noção das responsabilidades que embora nos apresentem duras tarefas, nós daremos o máximo do nosso esforço, para as concretizar. Pois não só o nosso Povo, mas todos os Povos do Mundo têm os olhos postos em nós e com eles nós gritaremos bem alto:

«A LUTA CONTINUA ATÉ AO FIM DA EXPLORAÇÃO»

«NA NOSSA LUTA, MAIS DO QUE NUNCA O ESFORÇO PRINCIPAL DEVE PARTIR DE NÓS PRÓPRIOS»

Camarada Presidente

ESTUDAR É UM DEVER REVOLUCIONÁRIO!

PRODUZIR É RESISTIR!

A LUTA CONTINUA!

TENTATIVA

(Conclusão da 2.ª pág.)

dência e justamente defender os seus interesses sócio-económico e culturais, até então explorados a seu favor e dos seus aliados.

Mas nós agora estamos numa fase diferente. O nosso País está independente. O Povo Angolano guiado pela sua Vanguarda Revolucionária fez 15 anos de luta armada, «para conseguir tudo aquilo que o colonialismo não deu, para implantar em Angola uma sociedade justa, onde não haja mais exploração do homem pelo homem». O MPLA além de ter feito essa luta, proclamou a República Popular de Angola, com um Governo Revolucionário.

Assim, o nosso Movimento tem criado cada vez mais, condições, para que o nosso Povo, os Operários e os Camponeses tenham cultura, para que se reduza o analfabetismo, e haja melhores condições de vida que permitam aos trabalhadores lutar pela melhoria das suas condições de vida até assumirem o poder.

E não é destruindo os bens e o produto do seu trabalho, do seu suor, como o têm feito os inimigos do Povo, que os trabalhadores podem conseguir cada vez mais as condições para o seu progresso social, para o progresso de todo o Povo, pois fazendo actos como esses, corresponde a andar para trás, a atrasar a luta. E não é isso que no fundo, os trabalhadores, o Povo Angolano deseja.

Devemos ainda compreender que neste momento devemos dar o maior rendimento no nosso trabalho e fazer aquilo que nos compete. Claro que se o colonialismo nos tivesse dado outras condições de vida, nós estaríamos todos muito melhor, mas isso não aconteceu e por isso é que se fez a luta contra tal regime. E porque estamos reconstruindo o nosso País, nós vamos trabalhar para que a nossa economia avance e melhores condições de vida surjam para todo o Povo.

«A RECONSTRUÇÃO NACIONAL É UM DOS FACTORES FUNDAMENTAIS DA NOSSA REVOLUÇÃO. DEIXAMOS A NOITE DO COLONIALISMO PARA PENETRAR NA CLARIDADE DA REVOLUÇÃO. ABANDONAMOS AS FORMAS TRADICIONAIS DE ORGANIZAÇÃO SOCIAL A FIM DE CONSTRUIRMOS UMA SOCIEDADE MODERNA E POR TERMO A EXPLORAÇÃO DO HOMEM PELO HOMEM».

Camarada Presidente .—

ABAIXO O TRIBALISMO!

ESTUDAR É UM DEVER REVOLUCIONÁRIO!

PELA RECONSTRUÇÃO NACIONAL!

PRODUZIR É RESISTIR!

VIVA A LUTA DOS TRABALHADORES;

A LUTA CONTINUA...

NO 20.º ANIVERSÁRIO DA U.G.T.A.

(Conclusão da 8.ª pág.)

Unidade e sobre a execução dos programas. A Assembleia tem assim, acesso a todos os documentos que ache necessário consultar e efectivamente pedir explicações à direcção.

Pode-se dizer que, em Argélia é já o trabalhador que detém o poder.

Não quero dizer que em Argélia socializante está tudo bem feito. Quanto a nós, pomos algumas restrições. Por exemplo: embora as Assembleias de Trabalhadores participem na gestão da empresa, através de um ou dois representantes, que juntamente com os representantes da Direcção, formam o Conselho de Direcção. A representatividade da Assembleia é simbólica, pois o número de representantes da Direcção é muito maior.

Por outro lado, pude constatar que no sector dos camponeses existe um grande atraso, em relação aos operários. Só agora estão em acabamento as primeiras mil aldeias comunais, o que já não é nada mau, com boas condições higiénicas. Enquanto as residências para operários estão construídas próximo das grandes empresas e unidades, são simplesmente exemplares e existem já há alguns anos. Saliente-se contudo, que embora estas residências sejam exemplares e quase que chegam a constituir quase a população total das cidades construídas depois da Independência, caso de Tizi-Ousou, as rendas são pagas pelos trabalhadores, a um preço bastante baixo (à volta de 800\$00 na nossa moeda). Enquanto que nas aldeias comunais não se pagam rendas, e estão devidamente apetrechadas com luz, água canalizada, escolas e mesquitas (Igreja muçulmana) no centro da aldeia e telefone público. Havendo ainda a acrescentar o facto de que todas as aldeias têm as ruas lanciladas e asfaltadas e protegidas a saibro.

Numa palavra, mesmo com vários senões e insuficiências (qual o país socializante que as não tem?), a Argélia é salvo melhor opinião em contrário, o País da África mais avançado no caminho do socialismo.

Pela experiência verificada e vivida, o cda. Braz

da Silva sugeriu algo que possa em parte contribuir para o avanço da nossa Organização, na defesa dos interesses dos Trabalhadores Angolanos, em que a nossa Organização está empenhada, o que registamos:

B. da Silva — Sem dúvida que temos muito para aprender com os camaradas da Revolução Argelina. Exemplares são as suas conquistas na Indústria têxtil — já exportam para a Europa 15 a 20% dos tecidos e cobertores com 70% da matéria-prima nacional; Na indústria de cutelaria, em que os sacos, malas, carteiras e luvas que fabricam também são exportadas em grande parte, apesar de não terem matéria-prima nacional.

São experiências dignas de serem seguidas por nós, pois temos muito mais possibilidades em matéria-prima; algodão e couros, sisal e celulose; também é digna de realce a fábrica de veículos automóveis com 67% da produção nacional. A produção anual calcula-se em 43 000 em 1978, sobrando 3000 para consumo nacional, depois da renovação de todos os veículos com mais de dez anos.

Se atendermos que todas estas conquistas são obtidas directamente pelos trabalhadores em empresas já nacionalizadas, e que já tiveram um aumento de 800%, em relação à produção orientada pelos colonialistas, reconheceremos que a sua experiência pode-nos ser útil. Com os nossos irmãos do Norte de África, onde as organizações sindicais são já poderosas e respeitadas pelos poderes Estatais, tive ocasião de recolher dados na base do contacto que nos poderão aproveitar.

E para terminar o cda. Braz da Silva acrescentou:

B. da Silva — Não quero terminar sem acrescentar que a cultura geral e profissional tem merecido da parte das organizações sindicais argelinas um carinho especial. Tive ocasião de visitar grandes centros e institutos culturais, e ainda internatos de formação sindical, ressaltando a frequência dos jovens. É tudo. Obrigado.

CULTURA POPULAR

(Conclusão da 12.ª pág.)

davam pra ouvir e abanar com a cabeça. Canivete, sempre a pensar como que podia inda convencer os otros, a raiva estava quente nas cabeças. Todos resmungavam com razão, mas num podia ser assim... A raiva devia passar primeiro.

Puxou coragem mesmo a saber, os otros podiam não aceitar, mas tinha que ser, devia falar, e mostrar que num estavam a pensar bem. Foi falando com todo o sentido, lembrou ainda as palavras dos mais velhos que também sofreram, mas nunca que perderam a coragem. Esses mas velhos diziam sempre a verdade pode vir tarde, mas sempre vem.

Poco a poco os otros aceitaram, no fim mano Canivete disse: vamos ter coragem, os otros também sofreram, mas nós num vamos sofrer só, vamos falar com ele. Amanhã de manhã, vamos todos mas só um grupo que fala com ele, sacana!, os manos dizem já quem vamos escolher inda hoje. A voz dum velho respeitoso disse logo: Mano Canivete você também tens que ir, mesmo você é que vas falar. Outro diz a seguir: sim, falar mas uns cotas mais uns dengues vão também ta acompanhar pra nos dar corage a nós todos.

(Continua...)

CULTURA POPULAR

Canivete com os conselhos dos outros resolveu não aceitar mas aquela vida. Todos do seu grupo aceitaram lutar, embora que não podiam lutar muito, mas a leitura doutros livros podiam puxar mais um bocado na cabeça. A sua raiva lhe aconselhou a não parar. Mesmo isso do nome da sanzala os outros disseram não é o que importa mais, há-de vir um dia que as nossas terras vão ter o nome dos nossos avós e toda gente vai aceitar...

Pensaram bem. Fizeram as imbambas despediram da velhota Nacapreta que ficou a chorar porque a doença levou o seu pai e agora o filho ia também lá longe. Canivete muito que lhe custava deixar a mãe Nacapreta, a sua mãe... Mas ia procurar outra vida que os seus filhos pelo menos, mesmo os netos já não iam se queixar tanto. E assim, todos do grupo partem para cidade a apreciar bem como a vida podia ser mais ainda.

A vontade de estudar não acabou. Com a conversa e leitura com as pessoas da cidade, puderam ver mesmo que todos estavam descontentes e estudavam sempre para tudo mudar.

Um dia Canivete recebe uma carta a dizer aqui na nossa sanzala todo o povo se revoltou. O chefe o povo lhe bateu, ele queria nos abusar. Já estamos cansados da mesma coisa. Então a lavra deu toda colheita, mas ele inda estava nos egigir mas, e carregou com porrada e imposto. Assim, todo povo ficou sentido, se revoltou e lhe caiu em cima, e o cipaio dele também levou.

Canivete que nunca deixou de pensar na família e no povo, ficou contente. Na sua cara passou um sorriso, contou logo logo nos outros, a gente no mato num estava dormir as injustiças eram muitas... Assim na cidade já podiam ter mas força, o povo estava lhes dar corage.

Depois de muito lutarem a bater de porta em porta a pedir trabalho, um também, com pouca vontade aceitou e quase todos ficaram no mesmo sítio, só os outros também ficaram numa obra aí perto que o dono era sócio, outro já...

Nos princípios, tudo corria bem, pouco mas ou menos, mas chegou altura que a fazenda obrigava os donos dos prédios a pagar também uma parte, pronto. O patrão mas o amigo dele que estavam habituados só a meter no bolso e num tirar, nada nada, sempre começam a tratar mais mal o pessoal.

Uns colegas também estavam a desgostar desta vida e já tinham falado, vamos sacudir esses gajos: tem uns que não sentem, sim eles estão a nos roubar nossas forças e agente fala com eles bem, os outros que têm mania de espetar tudo nos ouvidos do patrão e estão convencidos que vão também, onde ele manda o dinheiro... vamos lhes dar um sova e dizer se eles não podem ainda puxar sentido na cabeça? ou não sentem as nossa forças a gastar e o patrão sempre mais rico com o dinheiro lá na terra dele? Inda por cima o nosso povo sempre na mesma. Nascemos pobres, morremos pobres, os nossos pais, as nossas mães e irmãs trabalham sempre. E eles se lhes apetece abusam mais. As nossas forças ficam em baixo, o gajo engorda, nós hum... acabamos sempre na mesma...

Canivete pensou bem com os outros, haka! hum hum. Resolveram daqui pra diante ninguém mais que se queixava, a vontade avançar lhes pegou e então ele mesmo, mano Canivete devia sempre chamar os outros, falar e dar sempre mas corage.

As conversas com os colegas cada vez davam alegria, os outros já estavam a compreender os trabalhadores sempre têm que estar juntos, o patrãoera sempre patrão, trabalhador sempre trabalhador, em todos os lados era assim... Ninguém que podia lhes separar. Todos gastavam as forças, o proveito também era só dos patrões, esses capitalistas do diabo!

Uns tempos já estavam a passar e os trabalhadores a ficar com a cabeça quente por causa das injúrias do só patrão, lá porque tinha de tirar do bolso, mas ele ganhava tanto com prédios e tudo, como é que os outros é que deviam pagar? Mesmo só sabia refilar todos os dias e fazer barulho, pagar hum, mentira qual quê? Só quando se lembrava e o mês já ia longe. Isso mesmo era paleio do dono pra ganhar tempo nos homens, e nos prédios estavam lá! Isso fazia confusão na cabeça dos outros que começaram a dizer: você mano Canivete veja lá isso bem, nós aqui já estamos russos, qualquer dia vai arrebentar., hum cuidado! Veja se falas lá com esse gajo, nós aqui já num temos muito a perder...

Mas o tal patrão, os homens já estavam a lhe ficar com sede e ele ainda piorou mais no caso. Pra azar do gajo sem mas nem quê saca umas bofas num colega dos homens sem saber só porquê que esmtava encostado no canto com a mão na cabeça. Mesmo pro gajo tudo já era mangonha. Mas mangonha como? se as crianças e as mulheres em casa coitados num têm nada e agente só espera da obra? Os outros que já estavam com os azeites qriam se revoltar logo logo, mas olharam no mano Canivete, este pensava sempre. Mesmo que qria fazer qualquer coisa com raiva deixava inda passar e pensava mais. Os outros sabiam, Canivete guardava as palavras do seu pai: um homem não chora, quando a vida está dura... trabalha, luta mas não chora. Canivete que já tinha posto os casos no patrão, viu, agora não podiam se revoltar só atoa e pra mais todos furiosos. Na cabeça, as ideias estavam atrapalhadas, devia inda pensar bem.

Assim, com calma disse: vamos ter calma irmãos, lhe bater só num nada, vamos inda conversar de noite na minha casa pra verc que podemos fazer. De pois do jantar, todas as noites sunguilavam no quintal a rir ainda um bocado as partidas da vida. Mas essa noite, as conversas eram sérias. Hum, nosso irmão mesmo, doente, que trabalhava tanto na obra, vai-lhe dar só uma galheta sem mas nem menos só porque estava encostado com a mão na cabeça, num canto onde num incomodava nada, inda mas doente?

Doente mesmo, nesse tempo ainda bate assim uma pessoa? Num hum, num vai ser nada, temos que lutar, trabalhar... a vida é dura, mas nós vamos avançar.

Sentados todos nas pedras do quintal, foram falando cada um na sua vez, o doente mesmo as forças dele só